

Bloco 'progressista' na mira de 'tucanos'

OCTACÍLIO FREIRE

Há um importante fato se cristalizando no PSDB e que poderá reforçar a tese de que a criação do partido e a expectativa de imediato êxito eleitoral não passaram de um voo político mal calculado: a espinha dorsal do PSDB — formada por integrantes do extinto Movimento Unidade Progresista (MUP), dissidência que vivia dentro do PMDB até julho de 1987 com mais de 20% de influência no partido — vem se reunindo e articulando posições convergentes junto a companheiros de outras siglas. Finalidade: costurar um pacto entre os ex-peemedebistas com atuação no MUP para que o grupo adote uma mesma tática no segundo turno das eleições de 15 de novembro.

A versão oficial, porém, garante que a articulação seria a busca da consolidação de uma esquerda parlamentar suprapartidária com prioridade para avaliar as privatizações e medidas monetárias e financeiras patrocinadas pelo Governo federal. Simplória justificativa se levado em consideração o calendário político até 90, com eleições desde Presidente até Deputado federal.

Essa esquerda ampliada hoje contaria com 80 a 120 parlamentares. Sob o argumento de que deve haver menos personalismo na campanha, as manobras preparam um "frentão progressista" para o segundo turno. Dentre os "tucanos" estão os Deputados José Carlos Sabóia (PSDB-MA), Nilton Friederich (PSDB-PR), Célio de Castro (PSDB-SC), entre outros. Como a candidatura Mário Covas tem menos chances de chegar ao segundo turno, levando-se em consi-

deração as últimas pesquisas, são beneficiados com o movimento os candidatos Luis Inácio Lula da Silva (PT) e Leonel Brizola (PDT). O candidato Roberto Freire (PCB) tem pouco a ganhar em termos eleitorais. Seus índices — em média de 1 por cento — só lhe conferem chances de ser coadjuvante no segundo turno.

Espalhados por vários partidos, é no PSDB que os parlamentares que atuaram junto dentro do MUP mantêm maior sentido de coesão tanto ideológica como numericamente. Por isso, só a articulação em andamento já deixa transparente o quanto os "tucanos" ainda não se firmaram como opção partidária. Foi com o objetivo de fundar o PSDB que muitos parlamentares do MUP abandonaram o barco peemedebista. O tripé político Fernando Henrique Cardoso, Mário Covas (então Líder do PMDB no Senado) e José Richa avaliza o raciocínio. Com essa reunificação informal do MUP, fica transparente que os "tucanos" não conseguiram fixar seu perfil junto ao eleitorado. A constatação parte de lideranças do próprio partido, em comentários reservados.

A influência dos integrantes do MUP hoje no arco da esquerda é decisiva. Basta lembrar que os parceiros de chapa de Leonel Brizola, Fernando Lyra, e do Deputado Luis Inácio Lula da Silva, João Paulo Bisol, eram os Líderes do movimento dissidente. Bisol, inclusive, foi o redator do documento que oficializou a ruptura do grupo com o PMDB, em fevereiro de 1988. O Deputado Paulo Ramos arremata:

— O grupo não perdeu sua forte identidade comum, apesar de muitos estarem em legendas diferentes.